

APRESENTAÇÃO

Laicidade e diversidade religiosa

Cada qual a sua maneira, tendo mais destaque a obra de Max Weber, os clássicos das ciências sociais apostaram naquilo que ficou conhecido como o “desencantamento do mundo” em face das transformações pelas quais a sociedade passava na virada do século XIX para o XX, no sentido de indicar a perda do referencial religioso como repositório fundamental de organização da vida e das instituições sociais. Ao longo do século XX e na aurora deste novo século, percebeu-se a impropriedade desta tese, na medida em que as sociedades jamais perderam de vista referenciais religiosos como horizontes e mediadores de sentido, mas pelo contrário, fizeram surgir ou desenvolveram outras e novas formas de espiritualidades. Este número de *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião* apresenta alguns estudos com abordagens múltiplas que referendam outra tese, possivelmente mais de acordo com a realidade, de que o mundo, ao cabo, está mais “encantado” do que nunca.

O primeiro texto discute justamente um dos principais sintomas diacríticos do “desencantamento do mundo”, a saber: a busca pela laicidade/ secularidade. No trabalho de Roberto Cipriani, *Laicidad y religión*, percebemos que o tema da secularização, mormente restrito aos ambientes das instituições de governança e do espaço público moderno, implica necessariamente em outorgar a liberdade de consciência e não somente em assegurar a liberdade de consciência. Segundo o autor, a questão se torna ainda mais complexa quando as sociedades estabelecem uma ordem prioritária decrescente entre liberdade e crença, liberdade de conhecimento e liberdade de crítica. Os trabalhos a seguir, desta forma, apresentam um pouco da pluralidade religiosa moderna e indicam desafios os quais as sociedades modernas, os sujeitos e suas instituições enfrentam no sentido de harmonizar crenças e perspectivas tão diversas entre si.

O texto a seguir, elaborado por Margarete Fagundes Nunes, Mauro Meirelles e Valdir Pedde, intitulado *Rupturas e Descontinuidades na Trajetória de Josias: dos projetos político-religiosos dos sujeitos e suas metamorfoses no Brasil contemporâneo*, avalia justamente estes espaços de tensão e de construção simbólicas e identitárias que se encontram dimensionados na trajetória de sujeitos-chave para pensarmos o caráter de certas instituições sociais e suas possíveis apropriações, ao recuperar elementos e compreender as descontinuidades e rupturas presentes na trajetória de certo interlocutor, que, ao se deparar com as contradições e os conflitos da militância religiosa e política – partidária e do movimento negro, pode reelaborar um novo projeto, buscando dar sentido às experiências vividas, refletindo, deste modo, sobre as interconexões existentes entre a religião, a política e a etnicidade.

Tendo como referência outra conjuntura religiosa e baseado em pesquisa etnográfica e bibliográfica, o trabalho de Suzana Ramos Coutinho, *Tempo e milênio: Missão e as Testemunhas de Jeová*, procura discutir o modo como a perspectiva milenarista acaba por determinar as noções de tempo e missão das Testemunhas de Jeová a partir da vinda do Reino de Jeová. A iminência da instauração do seu Reino é o que acaba por gerar no grupo um sentimento de urgência na pregação da palavra divina, reconfigurando a consciência e a percepção do tempo. É esta expectativa que gera no grupo uma forte necessidade de reafirmar seus valores e suas crenças, na medida em que crêem estar vivendo nos “últimos dias”.

Outra perspectiva, na contramão do trabalho anterior, nos é apresentada por Chus Alonso Seoane, em *Budismo: una ética aplicada*, ao mostrar a visão de pessoas as quais a sociedade costuma considerar “livres dos problemas mundanos” – os monges budistas, mas que em

realidade são importantes ativistas sociais contra toda a sorte de injustiças e de sofrimento das populações civis ao liderarem diversas manifestações pacíficas e engajadas. Assim, nesta contribuição, é realizada a revisão de alguns conceitos budistas fundamentais, no intuito de entender este “pacifismo engajado” como uma rota política particular, e a ética budista como um caminho e um fim em si mesma.

Além de religiões orientais, outra fonte deveras importante de significação religiosa em diversas regiões do mundo consiste nos expedientes de orientação afro-cultural, invariavelmente marcados pelo caráter mediúnico de suas significações e práticas. Em *Reflexões sobre o transe ritualístico no candomblé*, Alexandre Costa Júnior e Mario Pires de Moraes abordam a manifestação corpórea de energias, ou espíritos, no transe mediúnico no Candomblé de Ketu com base nas considerações de importantes estudiosos do tema e na observação empírica em terreiros de Candomblé de Goiânia e Região Metropolitana, região que comumente é percebida como fora do eixo afro-religioso brasileiro.

A região central do Brasil abriga, portanto, uma diversidade religiosa importante, sendo, inclusive, local de surgimento de novas formas de crença. Uma das mais celebradas espiritualidades surgidas na região consiste no chamado Vale do Amanhecer, também de inspiração mediúnica. O trabalho de Amurabi Oliveira, *Aflição, Conforto e Cobrança: uma etnografia das consultas mediúnicas no Vale do Amanhecer*, tem por objetivo analisar o processo de consulta espiritual realizado por aqueles que procuram os serviços terapêuticos religiosos do Vale do Amanhecer. O estudo revela como esta espiritualidade atua no sentido de reorganizar a biografia das pessoas que a procuram e o entendimento sobre o seu sofrimento e aflição.

A relação entre espiritualidades, particularmente as de base mediúnica, e esferas tipicamente seculares, como a ciência, trata-se de outra esfera de tensão no debate moderno entre laicidade e religião. Em *Fronteiras em movimento: o debate entre a Ciência e a Religião no Espiritismo*, Calil Junior Alberto analisa justamente as relações que se estabelecem entre os campos da ciência e da religião, bem como a conformação de fronteiras de cada uma dessas categorias, tendo por base o discurso das Ciências Sociais sobre o Espiritismo.

Por fim, tais “fronteiras em movimento” entre a religião e a ciência podem permear instâncias da vida desde antes do seu começo, como no caso da escolha dos doadores de gametas nas reproduções assistidas. Dado que em diversos países do mundo, como no Brasil, as doações são anônimas, muitas vezes as pessoas que irão se beneficiar de uma doação de gametas recebem uma lista que contém informações, tais como: tipo sanguíneo, origem étnica, cor da pele e dos olhos, *hobby*, altura e religião. Em *Negociando semelhanças, produzindo identidades: orientação religiosa e herança genética na escolha de doadores de gametas*, Debora Allebrandt problematiza qual o lugar destas informações para a escolha de um doador, especialmente no que se refere à orientação religiosa dos doadores e das receptoras.

Desejo-lhes uma boa leitura.

Porto Alegre, dezembro de 2014.

Marcelo Tadvald
Editor-Gerente